

mao comum na galiza urbana

SEM UM CAM

Um grupo de activistas da cidade de Ourense, mormente provenientes do independentismo, acabam de abrir na cidade velha um centro social de umha perspectiva mui concreta: oferecer recursos colectivos de graça e instalar umha infraestrutura colectiva que facilite a sobrevivência de pessoas privadas de recursos. A primeira frente de trabalho denomina-se “cousateca”; a segunda é um comedor popular que dará refeições durante toda a semana. Falamos com membros de SEM UM CAM, novo centro social com escassos precedentes na Galiza.

Os ensaios de formas de cooperação para umha sobrevivência digna nom som novos na Galiza. Existírom nos alvores do movimento operário, nos inícios do passado século: cooperativas de habitação e consumo fôrom nota dominante do sindicalismo socialista e anarquista; no agro, o empréstimo de material comprado pola comunida-

de -sobretudo maquinaria- foi um dos contributos singulares do movimento agrarista, até 1936. Mais recentemente, e em latitudes mui distantes da Galiza, a esquerda latinoamericana (nomeadamente argentina) pujo em andamento infraestruturas populares como as redes de troco e os comedores, para enfrentar os efei-

tos da crise. Umha forma prática de paliar a fome e a carência de recursos básicos, como também de difundir os ideais emancipadores.

Ora, que acontece na Galiza recente? A crise pom nuvarrons pretos na cabeça de todos, e abondam diagnósticos catastrofistas. Contodo, ninguém se atreve a prognosticar umha sociedade de

carência. Dispara-se o desemprego, aumenta a precarizaçom do trabalho, chegam os expedientes de regulaçom de emprego. Ora, cairá um modelo de vida apoiado na hiper mobilidade e o consumo de objectos superficiais e prescindíveis? As vozes dos especialistas apontam em direcçoms divergentes; no seio dos movimentos popu-

lares, a incerteza domina. Poucos se atrevem a afirmar contundentemente onde se acha o fundo do poço.

Exemplos galegos

Quiçá seja esta omnipresença do consumismo de massas, vigorante na Galiza nas últimas duas décadas, a explicar a ausência ou a fra-



“Quantos objectos compramos dos quais nom temos necessidade real, e como nos obsessionamos por empréstimos bancários para manter um nível de vida superior ao que precisamos. A cousateca pretende fazer-nos menos dependentes do mercado, e à vez apoiar-nos mais em serviços públicos administrados por nós mesmos”

“Sem um cam”, além de constituir umha associação de empréstimo e troca de bens e serviços, define-se com um projecto que visa “ensaiar formas de relacionamento social à margem do mercado e do dinheiro, sendo mais umha peça na construçom de umha Galiza livre e independente”



queza de projectos como este que nos ocupa na nossa terra. Mas nem por isso imos deixar de citar alguns ensaios significativos, que nom por acaso inspirárom os ourensanos: umha é a Vigotroca, que agrupa na capital do sul da Galiza vários colectivos interessados em favorecer a reutilizaçom de objectos e o andamento de redes sociais afinçadas em práticas solidárias e austeras; um outro é o refeitório popular que funcionava no CS Casa Encantada em Compostela até há poucos meses.

Singularidades

Porém, e diferentemente dos exemplos citados até aqui, o projecto que nasce na cidade de Ourense fala com palavras muito mais explícitas, e com umha afirmaçom ideológica infreqüente: “Sem um cam”, além de constituir umha associaçom de empréstimo e troca de bens e serviços, define-se com um projecto que visa “ensaiar formas de relacionamento social à margem do mercado e do dinheiro, sendo mais umha peça na construçom de umha Galiza livre e independente.” Os e as promotoras pensárom por começar esta formulaçom polas necessidades mais básicas que condicionam a vida das precárias, os trabalhadores mais modestos ou os desempregados: a alimentaçom e as ferramentas de uso comum.

Serviços públicos autoadministrados

O refeitório popular inicia a sua andaina com trabalho voluntário, realizando-se turnos em cada jornada, e distribuindo-se as tarefas de compras, cozinha e limpeza. Diminos os promotores que “é a forma mais viável, ainda escassamente profissionalizado, dado o pouco desenvolvimento do projecto. Mais adiante veremos se é possível profissionalizá-lo”. De maneira complementar, os activistas do centro social estãm a angariar objectos variados (ferramentas, material desportivo, tecnologia), com o intuito de ter um serviço de empréstimo semelhante ao das bibliotecas, mas ampliado a todo o tipo de cousas de uso nom diário. Enquanto procuram assessoramento informático para disponibilizarem um bom catálogo em rede, explicam-nos o sentido da iniciativa: “quantos objectos compramos dos

Projectos galegos actuais inspirados por princípios semelhantes som Vigotroca, que agrupa na capital do sul da Galiza vários colectivos interessados em favorecer a reutilizaçom de objectos e o andamento de redes sociais afinçadas em práticas solidárias e austeras; um outro é o refeitório popular que funcionava no CS Casa Encantada em Compostela até há poucos meses.

quais nom temos necessidade real, e como nos obsessionamos por empréstimos bancários para manter um nível de vida superior ao que precisamos. A cousateca pretende fazer-nos menos dependentes do mercado, e à vez apoiárom-nos mais em serviços públicos administrados por nós mesmos.”

Um bairro deprimido

As obras que estãm a habilitar o local do SEM UM CAM finalizarãm a finais deste mês, que é quando a organizaçom abrirá ao público com todas as iniciativas em andamento. O bairro escolhido (a parte da cidade velha entre a Praça Maior e o Jardim do Possio) nom é casual: além de ser o lugar de residência de vários militantes, tem um perfil próprio para o trabalho social: os e as suas moradoras som pessoas de rendas baixas, com um índice alto de desemprego, e a zona padece um desatendimento urbanístico importante. Como primeira tomada de contacto da associaçom com a vizinhança, organizou-se um jantar popular ao ar livre no passado dia 15 de Fevereiro, bastante concorrido. “A recepçom da vizinhança está a ser boa por enquanto. Mas ainda nos temos que pôr a trabalhar a sério para conhecermos o alcance real de todo isto.”

a almuinha,

construindo um novo marim

Em 21 de Fevereiro de 2008 constituiu-se na Biblioteca Municipal de Marim a assembleia constitutiva da Associação Cultural Almuinha, que recebe o nome da praia que havia no lugar onde hoje estãm o porto e a alameda desta vila do Morraço.

Segundo explicam do colectivo, a Almuinha nasce com a vontade de ser um instrumento plural e aberto para a defesa e promoçom da língua e da cultura galegas, além de como ferramenta de actuaçom e de intervençom em temática sócio-económica e ambiental.

Com estas premissas, as suas actividades caracterizam-se por umha enorme variedade. Por pormos alguns exemplos, citamos o labor realizado no Natal para contribuir na recuperaçom da figura do Apalpador —somando-se ao manifesto publicitado por vários centros sociais de toda Galiza—, o trabalho freqüente de promoçom da bilharda —desporto praticado por várias pessoas da associaçom—, experiências histórico-culturais —como o recente roteiro ao Castro da Subidá no qual descobrimos um petróglifo nom documentado—, a denúncia da simbologia fascista... Em definitivo, poucas questons ficam fora do seu interesse e trabalho diário, e todas elas som tratadas sempre de umha perspectiva de país.

Como outras associaçom de características similares, a Almuinha também utiliza de jeito habitual a norma histórica do galego, mas cada umha das pessoas associadas pode utilizar a normativa com a qual se sinta mais à vontade. Esta característica cobra especial sentido no momento actual em que, explicam, a nossa língua está a sofrer um ataque claro e contundente por parte dos sectores mais reaccionários com o objectivo de garantir os privilégios do espanhol na nossa terra. Por este motivo, e por se tratar de umha vila, considerarãm que a melhor opçom era integrar num único projecto todos os sectores de defesa da língua de Marim.

No já quase primeiro ano de vida da A. C. Almuinha, talvez o seu maior sucesso seja «a criaçom e mantimento de umha estrutura estável ao serviço da nossa cultura, do país e da vila, e ganharmos o respeito e que se nos tenha em conta como umha activa associaçom entre



numerosos sectores de Marim», assegura Jurjo Agra, membro do colectivo.

No outro lado, o dos reptos para 2009, possivelmente o mais grande para as perto de 30 pessoas que constituem a associaçom é a vontade de criaçom de um centro social, que com algo de sorte e muito trabalho poderia ver a luz no Verao. Já no momento da constituioçom vírom esta necessidade, porque ainda hoje a Almuinha nom conta com um espaço físico no qual poder desenvolver a sua dinâmica diária, nem tampouco outras actividades e reunions. Contar com um local permitir-lhes-á, comenta Jurjo, cobrirmos estas necessidades e terem umha relaçom diária com a populaçom.

Colaboraçom

As pessoas que desejarem informar-se da actualidade da Associação Cultural Almuinha podem seguir o seu blogue em <http://acalmuinha.blogspot.com>. Para contactar o colectivo basta enviar umha mensagem electrónica para a.c.almuinha@gmail.com.

Talvez o seu maior sucesso seja «a criaçom e mantimento de umha estrutura estável ao serviço da nossa cultura, do país e da vila, e ganharmos o respeito e que se nos tenha em conta como umha activa associaçom entre numerosos sectores de Marim», assegura Jurjo Agra, membro do colectivo.



Representação do Apalpador da autoria de Géllis da Cabana

RAIMUNDO SERANTES / “O paletismo nom descansa. Os nacionalistas já inventáron “O Apalpador”, [...] em luta por desterrar as tradiçõs natalícias espanholas.” Ainda que nom se documente que o carvoeiro galego se tenha pronunciado neste sentido, som muitas as pessoas que, da mesma maneira que o meio espanholista radical onde fõrom recolhidas estas palavras, pensam que o Apalpador pretende despedir os outros heróis infantis: o Pai Natal, que nos chegou com a febre comercial do mundo ocidental, e os espanholísimos Reis Magos. As tradiçõs mais recentes vinculadas a um e outros som, de facto, idênticas às de Espanha, e na Galiza foram até agora assumidas sem queixa, mesmo a singular adaptação do nome de Santa Claus neste Estado: Papá Noël.

Contodo, a substituição do Pai Natal ou dos Reis polo Apalpador adivinha-se tarefa complicada. Como primeira hipótese, o carvoeiro poderia somar-se a eles, ainda que fosse no dia 31 de Dezembro, e até poderia acontecer que o mercado chegasse a assumir mais umha figura natalícia especializada em levar brinquedos, wiis ou telemóveis às nossas crianças. Foi isto o que aconteceu com o Pai Natal (ou Santa Claus), um castigo económico para muitas famílias que mal conseguem contentar os insensibilizados pequenos da casa em cada Natal. A segunda hipótese consistiria numha simples troca de nomes e vestuário. O Apalpador viria assim a representar o mesmo que o Pai Natal: desceria no mesmo dia pola mesma chaminé e deixaria os mesmos presentes que o Santa Claus popularizado pola Coca-Cola. A origem lendária seria diferente, sim, um cristão e outro pagão, mas em pouco tempo o único relevante seria que o Papá Noël, Papai Noël, Pai Natal, Père Noël, Santa Claus ou Olentzero, se di ‘Apalpador’ em galego. As duas possibilidades seriam relativamente fáceis de realizar, mas nengumha delas figura entre os objectivos dos grupos promotores, que enxergam um objectivo bem mais ambicioso.

Este Natal, presentes sem código de barras

Este ano, o Apalpador, fora do horário laboral, visitou a televisão e a rádio e até apareceu fisicamente por bastantes centros sociais. Nós documentamo-lo em Ponte Areias, Vigo, Ferrol, Compostela e Ponte Vedra, onde se expressou claramente: “Eu odeio os centros comerciais e o Natal consumista.” Para muitos pais e maes, a aparição de um carvoeiro assim esperava-se

“Eu vou tentar afastá-lo do consumismo e nom lhe vou dar mais brinquedos, que já tem avondo. Digo-lhe que o Apalpador tem menos brinquedos, mas que os nenos galegos nom tenhem Pai Natal”.

Se algum dia se escrever a sua verdadeira história, terá que ser esclarecidas ainda mais cousas que na tradição galega mudam dependendo da aldeia em que o Apalpador se encontra: que dia chega e como se mete nas casas.

como água de Maio, e nom tardáron em transmitir os desejos do mesmíssimo Apalpador aos seus filhos: ‘ele nom vem com presentes comprados em centros comerciais, elabora-os na devesa em que vive e, caso sejam de difícil manufactura, encomenda-os no pequeno comércio’. Patrícia, mae de um menino de dous anos, concorda totalmente com o carvoeiro. “O nosso Xan ainda é mui pequeninho, mas queremos que só tenha presentes do Apalpador (e este ano foi assim).” Reconhece que vai ser complicado “por causa da família, que se resiste a que nom tenha Reis Magos. Para mim, é importante tirar aos nossos filhos e filhas da viagem consumista, ainda que tenho que dizer que ao princípio me dava pena, porque eu sempre vivim com muita alegria os Reis”. Maria é de Compostela e também é mae há só dous anos, mas ela reconhece que a mudança de costumes na sua família vai ser um pouco mais difícil: “Roi também vai receber os Reis, porque no resto da família é umha tradição mui arreigada, mas estou mui feliz, porque ele já nom vai viver o Pai Natal; nessas datas só vai receber o Apalpador.” Perguntando-lhe como o viveu o menino, di-nos que já “associa o Apalpador às castanhas”. “Eu vou tentar afastá-lo do consumismo e nom lhe vou dar mais brinquedos, que já tem avondo. Digo-lhe que o Apalpador tem menos brinquedos, mas que os nenos galegos nom tenhem Pai Natal”. Num centro social de Vigo, até quarenta meninos esperavam com ansiedade a chegada do seu herói no dia 26 de



que che trouxo o apalpador?

Levou-lhe muitos séculos descer das devesas do Courel, chegando por fim aos vales litorais no Natal de 2008; isso sim, caminhando com algum auxílio, que este ano tampouco dispensou derivado dos problemas da idade e do alargamento repentino do seu âmbito de trabalho. Porém, todo indica que nom serám precisos camelos nem trenós para que, em 2009, o Apalpador consiga chegar sem ajuda a lares da Galiza inteira.

Dezembro. Ali, umha mae ensinava à sua nena o que o Roi já sabe: 'As crianças que falam galego tenhem Apalpador'.

O dilema do carvoeiro

Os centros sociais visitados este ano polo Apalpador som da mesma opinión que os pais e maes, e um deles publicou no blog conselhos prácticos para fugir do consumismo fazendo prendas tam fáceis de elaborar como sentidas. No entanto, todo o mundo reconhece que a vontade do Apalpador dificilmente

será cumprida sem ajuda. O momento em que as instituïçõs e as áreas comerciais tentem apropriar-se desta personagem natalícia anda perto, e será necessário insistir na ideia de que o carvoeiro nada quer saber da voragem consumista. Há quem fale da elaboraçom de contos infantis ou unidades didácticas contando a sua verdadeira história, e a Associação Galega do Jogo Tradicional e Popular já se adiantou elaborando um power point em que se recolhem declaraçõs do protagonista: "Há

anos, o Apalpador deixava aos meninhos castanhas e leite morno. 'Naqueles tempos, os meninhos tinham falta de comida. Agora, os meus presentes som outros: brinquedos feitos à mao' [...] para jogar só fai falta umha cabecinha... e umhas maos."

O regresso do Apalpador

2008 foi o ano de mais trabalho em vários séculos. O Apalpador mimou meninhos de todo o país, mas sobretudo galego-falantes, a julgar pola língua dos meios que

mais se interessárom na notícia, ainda que a imprensa em espanhol também recolheu o aparecimento de um "Papá Noel galego". Na Internet, muitos sites acompanhárom o trabalho do carvoeiro, alguns de perto das terras onde vive o Apalpador, como o de Fala Ceive do Berzo. Já nas ruas, apareceu por bibliotecas, escolas, clubes desportivos e concelhos próximos da comarca em que reside. Em Doncos, o Apalpador levou mui a sério a sua tarefa, e inclusive foi fotografado adiantando-se ao Pai Natal subindo

por umha varanda. O facto de já ter amigos em tantas comarcas fijo-lhe ganhar vários nomes: Apalpadoiro em Ferramulim, Apalpa-Barrigas nas serras orientais ou Pandigueiro nas meridionais, mas todo indica que ele prefere o nome que o levou à fama. Se algum dia se escrever a sua verdadeira história, terám que ser esclarecidas ainda mais cousas que na tradiçom galega mudam dependendo da aldeia em que o Apalpador se encontra: que dia chega e como se mete nas casas.



Desenho de Leandro Lamas, quem tem contribuído de maneira decisiva para dar rosto ao Apalpador



O pai natal

De origem cristá, esta figura tornou-se em símbolo comercial do Natal a partir da década 30 no mundo ocidental, quando foi recriado pola Coca-Cola com a imagem que possui na actualidade. Também conhecido por Santa Claus (de Sam Nicolau -originariamente *Nicklaus*-), umha vez que a sua origem lendária se remonta à figura hagiográfica com o mesmo nome, bispo italiano da segunda centúria da nossa era. Fijo-se primeiramente popular nos países nórdicos, e é tolerado, ainda que nom reconhecido oficialmente, pola Igreja Católica, que o substituiu pola adoraçom ao menino Jesus em países de obediência romana. Tanto o nome galego como o espanhol *Papá Noel* tenhem origem no francês *Père Noël*.



Os reis magos

Como outros fenómenos natalícios marcadamente espanhóis (o torrom, as uvas...), a sua repercussom actual é relativamente recente e tem origem comercial. A tradiçom lendária é, no entanto, bíblica. Os hábitos de consumo tornárom possível que sobrevivessem à apariçom do Pai Natal, tendo-lhes ficado reservado o dia 5 de Janeiro para acabar de arruinar as ressentidas economias familiares, doridas pola recente passagem do Pai Natal.

rede galiza nom se vende



Luitar contra a destrución sistemática do país e exigir o dereito da cidadanía a decidir sobre o seu territorio, é o duplo obxectivo com que nasceu a Rede Galiza nom se Vende, unha rede integrada por máis de 57 colectivos ambientalistas e sociais, baseada na confianza mútua, horizontal e independente, que deixa fora os partidos políticos e os sindicatos para evitar as más influencias dos intereses partidários. Galiza nom se Vende abre-se a todos aqueles colectivos que sofren algunha agresión en qualquer punto da Esta rede luta contra as nefastas políticas deste goberno entregadas ao capitalismo depredador que nom se diferenciam en nada das dos anteriores gobernos. Um modelo que confunde os intereses da cidadanía com os das grandes empresas e que socializa as perdas destas e privatiza os ganhos. Um goberno disfrazado de progressista que oferta como única resposta às discrepâncias, campañas de propaganda falsa e manipuladora à toda a sociedade intentando criminalizar os movementos sociais, assim como multas e repressom a todas aquelas persoas ou entidades que denunciavam a desfeita criminal do noso patrimonio.

Frente à destrución da paisagem, dos recursos naturais, do patrimonio cultural e da biodiversidade, o urbanismo caótico baseado na especulación, as infra-estruturas de transporte irracionais, a depredación da costa mediante macro-viveiros, enchimentos, portos desportivos e paseios marítimos, a contaminación das rias e rios, as barragens, campos de golfe, parques eólicos indiscriminados, monoculturas de espécies exóticas e invasoras, empresas perigosas e contaminantes, canteiras e minas espoliadoras, abandono do rural, nulo respecto polas figuras de protección ambiental e os espaços naturais protegidos... é necesaria e urgente unha mobilización geral da sociedade que pare esta desfeita definitivamente.

Exigimos uma mudança de rumbo imediata que colque a sustentabilidade ecológica e a justiça social no centro das políticas, que situe as persoas e o ambiente por cima do lucro, que dialogue e avance na democracia participativa e reflexiva... Que supere o actual sistema destrutivo e a sua acumulación de crises, construindo unha Terra viva e unha vida digna para tod@s.

Próximas accións da Rede:

Caravana de Galiza Nom Se Vende: A rede sai à rua com umha caravana reivindicativa de concertos em sete cidades e vilas da Galiza.

Concerto de Vigo: dia 3 de Janeiro às 21:00 n'A Fábrica de Chocolate. Actuarám: Dsskartes Band, Dakídarria e Nenó. Éxito total.

Concerto da Corunha: dia 24 de Janeiro, às 20:30 no L.S.O. Casa das Atochas. Actuarám: a Magnifique Bande dos Homes Sen Medo (com charanga – passaruas prévia polo Monte Alto), Últraqans e Samesugas.

Concerto de Ponte Areias: dia 31 de Janeiro, no C.S. O Fresco. Actuarám: Bock oil!, Bretxakada, Skandalo Gz e a Tuna Rastafari.

Concerto de Ferrol: dia 7 de Fevereiro na Sala Rum-Rum e haverá actividades à tardinha na Praça de Amboage (acaram da sala). Haverá um passa-ruas prévio polo centro de Ferrol e depois um concerto com os grupos Dsskartes Band e Vai.

Concerto de Corubedo: dia 7 de Fevereiro.

Concerto de Ourense: dia 12 de Fevereiro, dia de compadres do Entrudo Ourensem... Haverá um obradoiro de construción de compadres, um desafio-conferência de imprensa alternativo, umha foliada, um cabaré (contamentos – concerto) e umha perseguição de compadres pola zona velha ourensá... Tudo ligado à temática da RGNVS.

Concerto de Compostela: dia 15 de Fevereiro depois da manifestación nacional, às 17:30 na Sala Nasa, (R. S. Lourenço 51/53). Actuarám: Os da Ria, The Homens, Quempallou e Dakídarria.

Manifestación nacional: Sob o lema "Governe quem governar, Galiza Nom Se Vende", convocamos umha grande manifestación em Compostela para o próximo 15 de Fevereiro em defesa do nosso território, que sairá às 12:00 da Alameda.

Outras mobilizações: A Rede continuará a apoiar e participar em todas as accións reivindicativas que leve a cabo qualquer colectivo em defesa dos recursos naturais.



a ESCALADA na GALIZA

Se quadra, umha das actividades mais completas que existem a nível desportivo e a nível humano. Mistura o amor, respeito e desfrute da natureza com a força, elasticidade, concentração, equilíbrio e umhas outras qualidades físicas com a adrenalina própria dos desportos de risco.

De sempre, homens e mulheres tentam superar-se, dum jeito ou doutro. As montanhas som sempre um desafio, subir ao cume um final agradecido. A escalada nas suas distintas versões é umha prática relativamente barata, após um gasto inicial de pelo menos douscentos euros, e umha pequena instrução qualquer pessoa está em disposição de olhar para o alto dumha falésia, dumha montanha ou qualquer umha outra parede vertical ou desaprumada, e tentar de subir com total segurança. O grau de dificuldade varia, polo que há que adaptá-lo às possibilidades de cada quem.

Existem distintas modalidades, dependendo do meio a escalar e das ajudas com que contes. A mais estendida é a escalada desportiva (escalada de paredes previamente equipadas com seguros, de jeito que com total segurança só tens de preocupar-te de subir sem mais ajuda que os teus pés e as tuas mãos), e o bloco ou boulder (esta nom leva corda nem nenhum tipo de segurança mais que um colchão no chão, pratica-se em paredes de nom mais de cinco ou seis metros e é mais explosiva).

Também existe a escalada livre e o psicobloc – nome em catalá, de onde é originária e o lugar onde mais se pratica

(Ilhas Baleares e Levante, nomeadamente), ainda que também há outros muitos lugares, como o Algarve português. Consiste basicamente em escalar falésias sem nenhum tipo de ajuda nem segurança, com o mar por baixo e só duas opções: chegar à cima ou cair à água. Na Galiza nom há lugares definidos para esta prática.

Um outro elemento que é fundamental para entender o sucesso desta prática desportiva é o companheirismo que gera. Formam parte inseparável desta disciplina a organização de viagens e jornadas, a sua competência, a ajuda mútua... e, sobretudo, saber que a tua segurança está nas mãos dumha companheira ou companheiro e vice-versa, que alguém depende de ti.

Na Galiza, nom é até começos da década de oitenta do passado século quando a escalada, nas suas distintas disciplinas, começa a estender-se e popularizar-se. Ainda assim nom eram mais de douscentos escaladores, homens na sua imensa maioria, quem praticavam nos nossos montes. Mas graças a alguns destes hoje em dia está muito mais estendido, pois a incrível tarefa de equipar vias nas paredes levou a que fosse acessível para muitas mais pessoas. Estima-se que há mais de mil galegas e

galegos dedicando-se à escalada, quer federados e pertencendo a algum dos trinta e cinco clubes de montanha existentes ou por livre.

O último clube de escalada que vêm de nascer no nosso país, no passado mês de Dezembro, e o Clube Alpino Faísca, vinculado ao local social viguês do mesmo nome. Neste Local Social contam além disso com um rocódromo para treinar. É, se calhar, umha interessante utilização do espaço e o tempo num local social, muitas vezes convertidos em “bares de independentistas”.

Graças ao desinteressado labor de vários escaladores, contamos com distintos sítios equipados para a escalada desportiva na Galiza, alguns dos quais som destino de escaladoras e escaladores estrangeiros pola sua singularidade. Destacam o Faro de Budinho no Baixo Minho, o monte Galinheiro em Vigo, os Cabos Prior e Priorinho em Trasancos, Pena Corneira (O Ribeiro) ou no Canhom do Sil em Nogueira de Ramuim. Além disso, há escolas de escalada (assim é como se denominam os sítios preparados) em Donom (Morraço), Baronha (Barbança), Cabeça de Maceda, Covas, Monte Ferro (Nigram), Caldas de Reis, Falésias de Chanteiro (Ares), Visunha (A Rua), O Incio (Monforte), Cintolo (Mondanhedo), no rio Eume (na barragem das Pontes), Petom do Xalo (Culheredo) e Figueiras (Compostela). Também som habituais as visitas de escaladoras e escaladores galegos às escolas portuguesas, leonesas e asturianas, onde destacam nomeadamente Redinha (perto de Coimbra) e as dos arredores de Lisboa.

Mesmo assim, um dos problemas deste desporto é a escassa união e organização, e os nulos recursos públicos, dando como resultado a inexistência de competições de peso na Galiza, e como maior expoente a Juntança que cada mês de Março organizamos nos montes de Budinho os escaladores vigueses.

O último clube de escalada que vêm de nascer no nosso país, no passado mês de Dezembro, e o Clube Alpino Faísca, vinculado ao local social viguês do mesmo nome. Neste Local Social contam além disso com um rocódromo para treinar. É, se calhar, umha interessante utilização do espaço e o tempo num local social, muitas vezes convertidos em “bares de independentistas”





Maria Iglesias Vázquez, membro da Associação Cultural Brisas do Quenlho (Tordóia)

OLGA ROMASANTA / A Associação Cultural Brisas do Quenlho é um claro exemplo de que também no rural existem centros sociais. Nascida em 1998, leva já onze anos em activo; onze anos criando umha alternativa real de lazer onde moços e velhos partilham um mesmo ambiente. Como eles próprios gostam de salientar, para agrupaçõs como a sua a música popular galega é muito mais que isso: é um conjunto de valores, um campo para a vindicaçom nacional. Um jeito de conhecer o passado para construir um futuro.

Brisas do Quenlho nasceu em 1998; som já muitos os anos em activo. Como evolucionou a vossa trajectória?

O que hoje é a Associação Cultural Brisas do Quenlho nasceu há onze anos com quatro homens da zona da Pontraga que montárom um quarteto de música tradicional galega. Com o tempo entendêrom que o seu projecto devia ir mais lá do eido musical, assim que decidírom abrir o seu projecto a mais pessoas e mais actividades, todas centradas no mantimento da cultura galega.

Para além das aulas de gaita, pandeireta e baile, que outras actividades promovevedes?

Dum tempo a esta parte estamos

Sodes umha das associaçõs culturais com mais velhos e velhas. Como afecta isso a vossa visom da cultura tradicional galega?

A incorporaçom dos velhos à Associação, algo ainda recente, de 2001, representou muitas vantagens para nós. Primeiro, aprofundar nas nossas raízes. O contacto diário com eles produziu a criaçom dum espaço onde convivem distintas geraçõs, o que acarreta umha reciprocidade na aprendizagem: dumha banda, os nenos e nenas aprendem a relacionarem-se com os maiores, já que actualmente temos pouco contacto com eles, a respeita-los, a escuitá-los. Evidentemente, no tocante ao campo da dança e da música em particular, este contacto é básico.

çom cultural. As crianças, quando começam na Associação, sabem mui bem ao que venhem, cousa que nom aprecias com as da cidade. Eu dou aulas também no Castinheirinho (Compostela), e lá nom sabem o que é umha pandeireta ou umha gaita. O que é mais: nom sabem pronunciar as cantigas em galego, a fonética é alheia a muitos. Também é certo que intentamos promover mais lá da música tradicional: que significa todo o que aprendem, que implica, como se vincula à nossa história, e também promover que se acheguem aos seus maiores na casa e que eles lhes expliquem. Vivem-no doutra maneira, nom é propriamente umha actividade extra-escolar. Influi muito que

Assim, asseguramos que, mais lá do cenário, exista também um gosto polo nosso. Para além de todo isto, e em consonância com o que falávamos antes, é importante também a ideia de que ademais da música, há toda umha série de valores que nos interessa manter, e isso sim que o podemos fazer.

Que opiniom vos merecem iniciativas como a Central Folque, o conservatório da música galega tradicional?

Gosto da iniciativa, penso que é necessário que existam lugares para quem queira estudar a música galega de jeito profissional. Nom me parecería bem se se convertesse em algo elitista, como os conservatórios clássicos, mas polo de

“Nas zonas do rural nom existem nem alternativas de lazer nem meios para chegar a elas”

“as instituiçõs governamentais estám a se encarregar mui bem de que o rural acabe de esmorecer”



intentando abrir as actividades da nossa Associação a distintos eidos: a língua, o teatro, o conhecimento do entorno,... No que atinge a datas concretas, procuramos manter vivas as tradiçõs etnográficas. Saímos correr o Entroido, promovemos concursos de comida típica, celebramos o Samaim com contos populares e cabaças nas corredeiras, cantamos os Reis no Natal, o Magusto,... Mais em geral, temos em projecto a elaboraçom dumha revista de carácter semestral que para dar a conhecer a nossa Associação, assim como para divulgar ideias relacionadas com a defesa do galego ou a cultura tradicional. Para além disto, neste ano levaremos a cabo umha série de roteiros pola nossa zona, guiados por gente do grupo e sobretudo focados aos mais pequenos, que som quem menos contacto tehem hoje com o meio em que vivem.

Para nós constitui um enriquecimento tremendo, sobretudo no tocante à cultura concreta da nossa zona. E já nom só isso, mas também como se vivia todo o que nós agora aprendemos nas aulas na sua época, os valores da sociedade tradicional,...todo aquilo que nom se cinge exclusivamente ao baile e à música. Aos maiores serve-lhes para introduzirem-se em outros eidos da cultura, sentem-se mais vivos porque estám sempre vinculados à gente moça.

Ademais de maiores, contades também com um grande número de crianças na Associação. Que é para elas a cultura popular?

Na nossa Associação temos um importante ponto ganhado, e é que a maioria dos nenos e nenas som já do rural; é algo que levam vivendo desde que som pequenos. Para além disto, a música popular sobreviveu muito cá, e houvo sempre certo movimento de vindica-

seus próprios avos estejam também no grupo, porque vem que quando há umha festa na casa ou na paróquia eles arrancam a bailar ao ouvir a gaita. Isso ajuda a que o percebam como algo natural.

A sociedade galega, e mais a camponesa, sofreu nas últimas décadas um forte processo de transformaçom. Como evitar a “musealizaçom da tradiçom”, a conversom em fõssil do que antes tinha uns usos sociais concretos e uns fins?

Como ti dis, a sociedade galega mudou, e muito. Nom se pode pretender que nada tenha os mesmos usos sociais quando as circunstâncias som tam diferentes. Mas eu penso que o importante é fazer que a gente ache na cultura popular, na dança e a música, um canal para expressar-se e divertir-se. Para isso, nós estamos começando a organizar ruadas, onde novos e maiores se juntam para passá-lo bem tocando e bailando.

agora nom é. Acho que estám num bom caminho.

É certo que se trata dum projecto mui distinto do que fazemos nas associaçõs, porque o nosso é mais trabalho de rua, de abaixo. Mas som apenas duas faces da mesma moeda, e é imprescindível que existam as duas.

À luz do vosso trabalho, considerades que cultura e política som cousas distintas ou impossíveis de desvincular?

Quase sempre estám vencelhadas, mas isso nom significa que cultura e política sejam o mesmo. Há gente preocupada pola cultura de esquerdas e outra que é de direitas, claro que as abordagens som distintas segundo lho dêem uns ou outros. Para nós, a música, a dança, e todo o que as rodeia, som o nosso, as nossas raízes. O que fazemos é defendê-lo, e isso, de algum jeito, é implicar-se politicamente.

“O que fazemos é defender as nossas raízes, e isso, de algum jeito, é implicar-se politicamente”